

O Combate à Desinformação no registro da memória de lutas coletivas por direitos e cidadania¹

Sérgio Luiz Gadini²

Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)

Resumo

Pautar os silenciamentos construídos ou impostos por forças oficiais e pelo poder financeiro é uma estratégia para combater a desinformação que atravessa as lutas sociais na história humana. O presente texto destaca o desafio de recuperar memórias de lutas por causas e demandas de interesse coletivo a partir de três iniciativas de um projeto de extensão universitária: (a) a realização anual de um evento multidisciplinar para descomemorar golpes em defesa da cidadania e dos direitos humanos, (b) a produção de um programa audiovisual com entrevistas sobre políticas públicas e (c) a publicação de textos para descomemorar datas oficiais que ignoram lutas sociais. Ao trabalhar o conceito de silenciamento (Orlandi, 2007), o texto destaca experiências que visam recuperar memórias de lutas coletivas por democracia e políticas públicas, a partir de práticas extensionistas e de pesquisa na formação em Jornalismo.

Palavras-chave: Combate à desinformação; descomemorar golpes, extensão em Jornalismo, multidisciplinariedade.

Contextualização conceitual para caracterizar a desinformação

“A verdadeira educação começa quando desconfias do que te disseram que era verdade” (Noam Chomsky)

Em 1992, a professora Eni Orlandi publicou um livro que, logo, se tornou referência nos estudos do discurso no País: *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Na justificativa ao livro, a autora explica que “há um modo de estar no silêncio que corresponde a um modo de estar no sentido” (2007; p.11) e que “o estudo do silenciamento (que já não é silêncio, mas ‘por em silêncio’) mostra que há um processo de produção de sentidos silenciados” (p. 12) que se diferencia do não-dito e tampouco equivale ao implícito nos discursos que circulam em espaços coletivos.

Em um diálogo intelectual com Michel Pecheux, Eni Orlandi situa a produção do discurso ao conceito de ideologia, que faz parte do imaginário coletivo e institui cotidianamente hábitos, expressões e comportamentos que (re)produzem relações sociais. “A ideologia se produz justamente no ponto de encontro da materialidade da

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Desinformação, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista, doutor em Comunicação, professor de Jornalismo (graduação e pós-graduação) na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), no Paraná. E-mail: slgadini@uepg.br

língua com a materialidade da história”, explica a autora (2007; p.20). E o “discurso é o lugar desse encontro”, que produz sentidos. O discurso se impõe, assim, como uma “produção de sentido entre locutores”, onde “sujeito e sentido se constituem mutuamente, pela sua inscrição no jogo das múltiplas formações discursivas”, contextualiza a autora (2007; p.20).

Mais de três décadas após a primeira edição, e entre diversas reedições, a contribuição da Eni Puccinelli Orlandi se mantém atual e se mostra uma oportuna referência conceitual de horizonte ao presente texto para discutir alguns dos incontáveis sentidos da desinformação na era da celeridade informacional impulsionada pela digitalização das relações, práticas de consumo e expressões humanas.

Para situar o debate em torno da desinformação, vale lembrar aqui a perspectiva da Organização Mundial de Saúde, amplamente veiculada a partir da pandemia da Covid-19: trata-se de uma “informação falsa ou imprecisa cuja intenção deliberada é enganar” (OPAS/OMS, 2020; p.2). Naquele contexto, o alerta tinha o claro objetivo de reduzir os riscos e ameaças provocados pela onda desinformacional, que marcou o período. “A desinformação pode prejudicar a saúde humana. Muitas histórias falsas ou enganosas são inventadas e compartilhadas sem que se verifique a fonte nem a qualidade. Grande parte dessas desinformações se baseia em teorias conspiratórias”, aponta o Boletim da entidade divulgado em 2020 (p.2). Como a desinformação se propaga em um ritmo imprevisível e rápido, “a própria infodemia (multiplicação viral) acelera e perpetua a desinformação”, destaca o documento da OPAS/OMS (2020; p.3).

A era da informação é, também, a da “explosão de não-informação, da explosão de dados”, explica Richard Wurman (2005, p.19), pois “informação é aquilo que leva à compreensão”. E, “se não significa nada para você, não é informação”, explica o autor (p.19). É daí que surge, e acelera, uma das sensações humanas que aumentam na era digital: a ansiedade informacional diante de dados disponíveis, que poucas pessoas conseguem processar e apurar a necessária percepção seletiva. O compartilhamento indiscriminado, por ingenuidade ou má-fé, já indica outras práticas também caracterizadas como desinformativas.

Oportuno situar outras caracterizações de desinformação, trabalhadas e organizadas por diversos autores nos anos recentes. Claire Wardle (2020) define desinformação como um “conteúdo intencionalmente falso e criado para causar danos. É motivado por três fatores distintos: ganhar dinheiro; ter influência política,

internacional ou nacional; ou causar problemas por causa disso” (p.10). A partir daí, Wardle (2020) expõe outras duas variações desinformativas. A segunda é caracterizada “quando a desinformação é compartilhada, muitas vezes se transforma em mesinformação. Mesinformações também descrevem conteúdo falso, mas a pessoa que compartilha não percebe que é falso ou enganoso”, avalia. A terceira modalidade é a malinformação: “o termo descreve informações genuínas que são compartilhadas com a intenção de causar danos”, explica Wardle (2020; p.10).

No ritmo da celeridade digital, as indústrias da desinformação passam a ser impulsionadas por diversos fatores com impacto nos mais variados setores sociais, bem além da vida privada individual e inevitavelmente com desdobramentos das relações e interesses coletivos. A descentralização informacional e a circulação, aparentemente descontrolada mas efetivamente arquitetada pela lógica da frequência algorítmica (sob controle das big techs), geram um clima de constantes polarizações (políticas, religiosas e culturais) com uma aparência de empoderamento individualizado e um simultâneo ceticismo nas instituições que sustentam a vida democrática (organizações políticas, estado, governos, poder judiciário, mídia) e o acesso ao exercício de cidadania e direitos sociais.

É o cenário que possibilita a crença em um mundo de pós-verdade (D’Ancona, 2017). Negar o conhecimento científico, desacreditar dos atendimentos à saúde (vacina, por exemplo) e da educação se tornam rotinas, exploradas por ‘lideranças’ que aproveitam as ondas negacionistas para lucrar com a desinformação às custas das mesmas vítimas seculares que acreditam e compartilham informação sem verificação.

Claire Wardle (2020) caracteriza em sete categorias as desinformações mais frequentes em circulação: sátira ou paródia, conexão falsa, conteúdo enganoso, contexto falso, conteúdo impostor, conteúdo manipulado e conteúdo fabricado. A cada uma das categorias, a autora exemplifica as situações mais frequentes em que tais desinformações são utilizadas, a partir dos riscos, ameaças e impactos prejudiciais na vida cotidiana das pessoas envolvidas ou atingidas.

Em 1988, o jornalista Perseu Abramo escreveu um texto em que discutia o que ele nomeou como “padrões de manipulação na grande imprensa”, publicado em 2003 pela Fundação criada em 1996, que leva o nome do autor. Na ocasião, Abramo avaliou as práticas mais recorrentes que editores de veículos da mídia empresarial então hegemônica lançava mão para ‘apresentar’ a realidade e os fatos que marcavam as

versões dominantes para formar a opinião pública. Quando Abramo escreveu ainda sequer existia internet (que passa a comercializar acesso em 1994, no País) e, embora a reconfiguração digital enfraqueceu a força editorial das empresas jornalísticas, as categorias (padrões) que demonstram as lógicas de manipulação são utilizadas aqui para compreender e explicar algumas estratégias de desinformação em 2025.

“Uma das principais características do jornalismo no Brasil hoje, praticado pela maioria da grande imprensa, é a manipulação da informação”, explica Abramo (2016; p.37), na edição inicial do texto, em 1988. E “o principal efeito dessa manipulação é que os órgãos de imprensa não refletem a realidade”, completa. E, assim, o público é cotidianamente exposto a uma “realidade artificialmente criada pela imprensa e que se contradiz, se contrapõe e frequentemente se superpõe e domina a realidade real que ele vive e conhece”, afirma Perseu Abramo (2016; p. 28). Ao apresentar o que nomeia como “manipulação da realidade pela imprensa”, Perseu Abramo (2016; p. 40) identifica quatro padrões em operação e um específico frequente no telejornalismo.

O ‘padrão de ocultação (1) remete à “ausência e à presença dos fatos reais na produção da imprensa”: é um “deliberado silêncio militante sobre determinados fatos da realidade” (2016, p. 40). A concepção de ‘fato jornalístico’ funciona como uma “racionalização a posteriori do padrão de ocultação, na manipulação do real” (Abramo, 2016; p. 40). O ‘padrão de fragmentação’ (2) justifica a eliminação de “fatos definidos como não-jornalísticos, o ‘resto’ da realidade é apresentado pela imprensa ao leitor não como uma realidade, com suas estruturas e interconexões, sua dinâmica e seus movimentos e processos próprios, suas causas, suas condições e suas consequências”, explica o autor (2016; p. 41). A fragmentação também ocorre na definição da pauta, na apuração, produção da notícia e edição. “O padrão de fragmentação implica duas operações básicas: a seleção de aspectos, ou particularidades, do fato e a descontextualização”, segundo o autor (2016, p. 42).

O ‘padrão da inversão’ (3) “opera o reordenamento das partes, a troca de lugares e de importância dessas partes, a substituição de umas por outras e prossegue, assim, com a destruição da realidade original e a criação artificial da outra realidade” (Abramo, 2016; p. 43). A ‘inversão’ funciona no planejamento, transcrição e edição noticiosa, podendo variar nas formas: inversão da relevância dos aspectos, inversão da forma pelo conteúdo, inversão da versão pelo fato e inversão da opinião pela informação. O ‘padrão da indução’ (4) viabiliza a “combinação dos casos, dos momentos, das formas e dos

graus de distorção da realidade submete, no geral e no seu conjunto, a população à condição de ser excluída da possibilidade de ver e compreender a realidade real e a consumir uma outra realidade, artificialmente inventada” (2016, p. 49). O ‘padrão (5) global’ (específico do jornalismo de televisão e rádio) “passa por todos os quatro tipos gerais de padrões de manipulação, mas ainda apresenta outro que lhe é específico” (2016, p.51), embora a estratégia seja a mesma no campo. O padrão global envolve três momentos, como se fossem atos de um mesmo espetáculo ou jogo de cena: ‘exposição do fato’, a ‘sociedade fala’ e a ‘autoridade resolve’ (2016, p. 52).

E como tais padrões operam na era da desinformação, em que a mídia convencional registra queda de audiência e perda de poder de influência? De um modo geral, algumas das estratégias recorrentes que marcam a onda desinformativa estão em sintonia com a caracterização de Perseu Abramo; ainda que a racionalização não se processe em oficinas editoriais, a lógica dominante de oligopólio forjada pelas big techs a partir do algoritmo pouco se diferencia, apesar da ilusão de que as ‘escolhas’ são individuais em meio a imensurável quantidade de dados e informações disponíveis (sob impulsos e combinações sem qualquer transparência operacional).

Em um contexto em que a celeridade desinformativa dificulta o exercício da memorização seletiva e conexão reflexiva, a busca de iniciativas para operar em sentidos contrários, capazes de presentificar registros e instituir relações documentárias para atualizar a necessidade de pautar acontecimentos históricos que fazem parte da vida da população – seja em níveis locais, regionais ou nacional/global – é um desafio que pode exercitar práticas de combate à desinformação. É este o foco deste texto, ao destacar três experiências desenvolvidas como atividades extensionistas a partir do curso de Jornalismo da UEPG, no interior do Paraná.

O combate à desinformação pelo ensino, pesquisa e extensão

As três iniciativas abaixo descritas fazem parte de um projeto extensionista, envolvendo estudantes e professores de cursos de graduação (Jornalismo, Direito, História) e pós-graduação (Jornalismo, História e Estudos da Linguagem) na Universidade Estadual de Ponta Grossa. O projeto *Combate à Desinformação nos Campos Gerais*, lançado em 2022 e em sintonia com o Programa Nacional de Combate à Desinformação (coordenado pela assessoria do Supremo Tribunal Federal), desenvolve ações integradas de extensão, pesquisa e ensino. E uma das atividades é o

Ciclo Descomemorar Golpes, realizado em parceria com outros projetos extensionistas (Agência de Jornalismo, Lente Quente, Cultura Plural e Núcleo de Produção Audiovisual), envolvendo outros cursos da Universidade e entidades da sociedade civil na Cidade.

O evento multidisciplinar foi criado em 2019 na UEPG e pauta temas, datas e os impactos da série de ataques à democracia e aos direitos humanos, desde 1964. Uma versão oficial de que “no interior do País não houve ditadura” também marca as crenças dominantes no Paraná e, daí, necessidade de discutir marcas dos regimes autoritários no cotidiano da população, a partir de um ciclo realizado no final de março e início de abril com painéis, mostra documental, exposições, lançamentos editoriais e demais atividades realizadas: em defesa da democracia e dos direitos humanos. O calendário considera, assim, a data simbólica em que militares derrubaram o governo democraticamente eleito de João Goulart (PTB) em 31 /03 e 1º/04/1964, seguido de uma história atravessada por golpes e tentativas frequentes de ataques à vida, ao trabalho digno e à própria existência de pessoas que precisam e dependem da manutenção de políticas públicas por parte do Estado (moderno).

O conceito de agenda que orienta o texto considera o principal autor da ‘Teoria da Agenda’: o jornalista e professor estadunidense Maxwell McCombs (1938-2024), que sistematizou a perspectiva de uma ‘Agenda Setting’, a partir de pesquisas empíricas nos anos 1970, a partir das formas como as pessoas discutem determinados assuntos em ‘esquecimento’ de outros. As três primeiras edições focam os mesmos temas gerais (“desafios da Universidade na defesa da democracia e dos Direitos Humanos”), buscando uma referência identitária ao evento e, a partir da quarta edição, o Ciclo destaca um subtítulo (*Descomemorar Golpes: em Defesa da Democracia e dos Direitos Humanos*), focando em temas em pauta no ano de cada edição. A tabela abaixo (1) sintetiza a realização das seis edições do evento, que iniciou em 2019 e só não realizou o evento no ano seguinte em função da pandemia do Covid-19.

Tabela 1: Ciclo Descomemorar Golpes (em Defesa da Democracia e D. Humanos)

Edição	Ano	Data	Tema	OBS
I	2019	25 a 29/03	Desafios na Defesa dos Direitos Humanos	
II	2021	31/03 e 01/04	Em Defesa dos Direitos Humanos	remota
III	2022	29/03 a 2/04	Desafios da Universidade pelos DHs	
IV	2023	27 a 31/03	200 anos de Ponta Grossa	
V	2024	18 a 22/03	60 anos do Golpe Militar/40 anos Diretas Já	
VI	2025	31/03 a 02/04	Sem Anistia!	

Fonte: Autor, 2025.

E qual o significado do nome do evento? Descomemorar golpes não é apenas registrar e denunciar os incontáveis casos de violência e morte registrados durante o regime militar brasileiro de 1964/1985, mas também alertar para a defesa de direitos sociais, humanos e trabalhistas conquistados com luta por setores da população. É desta forma que a realização anual um ciclo de atividades multidisciplinares para descomemorar golpes abre no meio universitário espaços e condições de diálogo sobre temas transversais que impactam na vida da população, pois ataques aos direitos sociais e humanos colocam em risco a execução e manutenção de políticas públicas que estão entre as funções básicas constitucionais do estado.

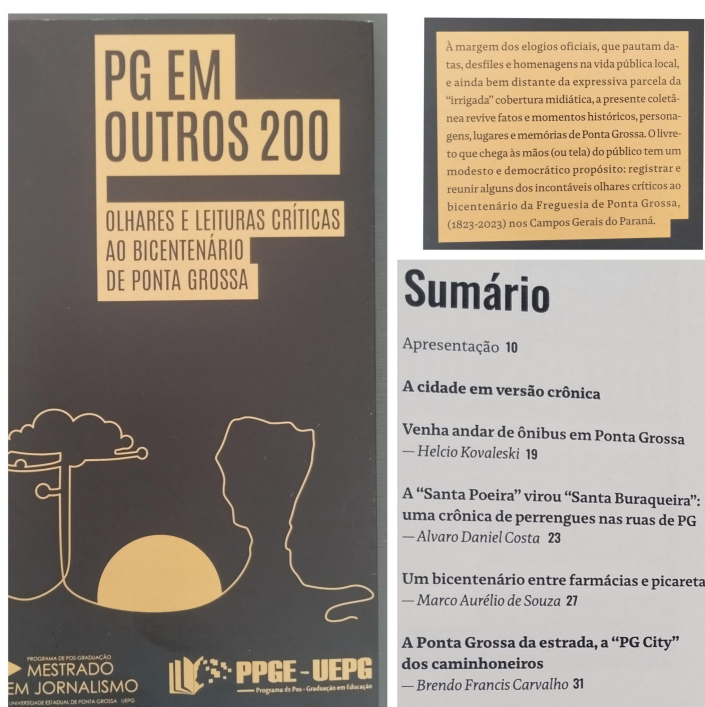


Imagem 1: Edições do *Ciclo Descomemorar Golpes* e do *Programa Combate à Desinformação*.

A segunda atividade, também extensionista, é a produção de um programa audiovisual com entrevistas sobre políticas públicas, onde convidados/as são questionados a respeito de impactos da desinformação nas respectivas áreas de atuação social, seja como professor, profissional da saúde, representantes da sociedade civil organizada, analistas de temas atuais (crise climática, regulamentação das big techs, problemas de gestão pública local, direitos na precarização do trabalho), além de pesquisadores/as que estudam projetos de interesse coletivo na cidade, estado ou país. Em todos os casos, o *Programa Combate à Desinformação* – com periodicidade quinzenal que roda nas redes sociais, sites laboratoriais em Jornalismo e espaços das entidades parceiras - não se presta em fazer assessorias seja aos grupos com interesses

particulares em religião, política ou economia, mas abre espaço para representantes de entidades e movimentos sociais sem fins lucrativos que não possuem acesso aos veículos comerciais da mídia regional. Trata-se, pois, de uma iniciativa que também cria condições de expressão para pautar políticas públicas e trazer ao debate preocupações para esclarecimento e alerta, na mesma estratégia de combater a desinformação.

Imagem 2: Capa, sumário e apresentação do livro *PG em outros 200* (anos).



Para fechar, a terceira atividade é a publicação de textos para descomemorar datas oficiais que ignoram lutas sociais, a partir de uma experiência que convida autores/as para escrever sobre temas de políticas públicas por ocasião das comemorações oficiais aos 200 anos da cidade de Ponta Grossa (PR). Diante das solenidades, homenagens e agendas oficiais, que praticamente ignoraram a sociedade civil ao longo de 2023, um grupo de pesquisadores provocou um edital, a partir dos programas de pós-graduação (Educação e Jornalismo) na UEPG para enviar textos, em forma de crônica, perfil ou ensaio, para discutir problemas que afetam a vida da população da cidade. A coletânea editou e publicou textos de 25 autorias ou coautorias e pautou temas que sequer foram tocados nas solenidades oficiais ao bicentenário de PG: saúde pública, políticas educacionais, transporte coletivo, destruição arquitetônica, o

espaço da mulher na história local, religiões dominantes, buraqueira nas ruas, além de perfis de personagens que fazem parte da vida da Cidade.

Considerações finais

Nos casos acima destacados, uma das orientações é fugir aos processos editoriais que resultam em práticas que comprometem a integridade informacional e, por variadas razões, operam como padrões de manipulação da opinião pública, como discutido por Perseu Abramo (2016). A escolha metodológica, que norteia tais práticas, é o caminho contrário: criar condições para pautar políticas públicas na busca de estratégias pelo combate à desinformação, evitando o sileciamento de temas com força e interesse coletivo ao debate social.

Como atividades extensionistas, as três ações dialogam com conteúdos que os professores dos diversos cursos envolvidos trabalham na graduação ou pós-graduação, em sintonia com as diretrizes pela curricularização da extensão universitária no Brasil, conforme trabalhado por Sandra de Deus (2020; p.13): “As universidades devem inserir as atividades extensionistas na grade curricular de todos os cursos de graduação e regulamentá-las como prática acadêmica”, explica.

E, para concluir, é oportuno lembrar uma observação atribuída ao Geneton Moraes a respeito da produção jornalística e documental: “nosso trabalho é produzir memória”. E esta também é uma estratégia de combate à desinformação. Afinal, o silenciamento de temas com interesse público é uma forma de dominação política e cultural. E a Universidade pode e precisa fazer parte da construção das agendas públicas.

Referências

ABRAMO, Perseu. **Padrões de manipulação na grande imprensa**. 2. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2016.

COMBATE à Desinformação nos Campos Gerais. Ponta Grossa, UEPG, 2022. Disponível em: <https://combateadesinformacao.com.br/> Acesso em: 10 de mai 2025.

DESCOMEMORAR Golpes: evento realizado na UEPG aborda marcos históricos e resistência. In: **Boca no Trombone**, 15/03/2024. Disponível em <https://bntonline.com.br/descomemorar-golpes-evento-realizado-na-uepg-aborda-marcos-historicos-e-resistencia/> Acesso em 10/02/2025.

DEUS, Sandra de. **Extensão Universitária: trajetórias e desafios**. Santa Maria, UFSM, 2020.

MCCOMBS, Maxwell. **A teoria da agenda: a mídia e a opinião pública**. Petrópolis: Vozes, 2009.

ORGANIZAÇÃO Mundial da Saúde. “Entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a COVID-19”. In: **Boletim Ferramentas de Conhecimento**, 13/04/2020. Disponível em <https://www.paho.org/pt/documents/understanding-infodemic-and-misinformation-fight-against-covid-19> Acesso em 10/02/2025.

ORLANDI, Eni P. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 6ª ed. Campinas: Unicamp, 2007.

V CICLO Descomemorar Golpes (em defesa da democracia e dos direitos humanos). In: PPGJor UEPG, 11/03/2024. Disponível em <https://www2.uepg.br/ppgjor/v-ciclo-descomemorar-golpes-em-defesa-da-democracia-e-dhs/> Acesso em 10/02/2025.

WARDLE, Claire. **Compreender a desordem informacional**. FirstDraft, 2020. Disponível em: https://firstdraftnews.org/wp-content/uploads/2020/07/Information_Disorder_Digital_AW_PTBR.pdf?x75440 Acesso em: 10 de mar 2025.

WURMAN, Richard Saul. **Ansiedade de Informação 2**: um guia para quem comunica e dá instruções. São Paulo: Editora de Cultura, 2005.